



CONEDU
Congresso Nacional de Educação
18 a 20 de Setembro de 2014

DESLOCANDO IDENTIDADES: A FORÇA DAS PRÁTICAS EDUCATIVAS DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS EM SALA DE AULA

Lenício Dutra Marinho Júnior
Instituto Federal Minas Gerais - IFMG
lenicio.junior@ifmg.edu.br

Introdução

A educação das relações étnico-raciais, hoje se coloca como uma conquista histórica do movimento negro e oferece-nos, enquanto educadores, instrumentos potenciais para eliminarmos gradualmente os preconceitos e estigmas imprimidos por séculos à população afrodescendente no Brasil. O currículo e o ensino de história precisam estar sintonizados com essa conquista e abrir no universo das escolas novos conhecimentos sobre a África e os africanos.

Nesse contexto, o currículo está diante de uma “redefinição” ou “reconfiguração” como sugerem Lopes e Macedo (2005), Silva (1999), Candau (2008); ele se encontra em um tempo de “fronteira” – na concepção de Homi Bhabha (1998), um lugar de intenso movimento, trocas e hibridismos culturais – , onde há um processo de “hibridização”.

Assim, os conhecimentos silenciados e “deformados” (SANTOMÉ, 1997) ganham forças e contestam os conhecimentos hegemônicos. Isso não é fruto apenas do movimento acadêmico, na verdade, isso só foi possível a partir de lutas históricas travadas por minorias que, sensibilizadas, pressionaram por políticas culturais que as contemplassem. A lei 10.639/03 é um reflexo disso.

Nesse sentido é fundamental a criação de espaços públicos de discussão, em que as identidades e as diferenças sejam experimentadas, debatidas, negociadas e confrontadas. De acordo com Silva (1993) é preciso dar visibilidade e espaço às diferenças que marcam as relações de identidade e permeiam todo o processo educativo.

O presente trabalho é parte de uma pesquisa de mestrado e se inscreve no tema das relações raciais e educação, pois, busca analisar e apontar para práticas curriculares emancipadoras e multiculturais que visam à promoção da



educação das relações étnico-raciais com base em novos conhecimentos/procedimentos relacionados à cultura e história afro-brasileira e africana na Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte.

Metodologia

A pesquisa aqui apresentada é de cunho qualitativo e lança mão de técnicas e procedimentos metodológicos do estudo de caso, da etnografia e da observação participante, além de análise de documentos oficiais e discursos produzidos fora e/ou dentro da escola, na tentativa de analisar a prática curricular empreendida.

A escola foi selecionada a partir do site da prefeitura de Belo Horizonte onde era noticiado o desenvolvimento de um projeto curricular intitulado “Projeto Ayò Asán – Alegria, Orgulho, nossas raízes africanas”. Decidi procurar a escola, aqui batizada com o nome fictício de “Escola da Vinda” (o título do projeto me sugeriu o nome da escola: vinda é “ato ou efeito de vir, volta, regresso”, como define o Aurélio).

A pesquisa de campo durou 7 meses (junho a dezembro), e foi realizada com visitas em três dias da semana, para observação de aulas e dos diversos espaços da escola, reuniões do projeto, anotações no diário de campo, realização de entrevistas, aplicação de questionários e estudo de documentos referentes à escola e ao Projeto Ayò Asán (PAA).

O foco era acompanhar o planejamento e execução do PAA que abrangeu 6 turmas do ensino médio (4º ciclo), as turmas têm em média 20 alunos frequentes, e entre 26 e 35 matriculados.

A intenção era de compreender como as práticas curriculares podem contribuir de fato para a (re)educação das relações étnico-raciais e na superação do racismo na escola, mapeando alternativas e propostas construídas cotidianamente na Escola da Vinda com o PAA.

A partir das observações iniciais das turmas do ensino médio comecei a identificar os sujeitos da pesquisa, são eles: 5 profissionais da escola (3 professoras, a coordenadora do ensino médio e a diretora), e 10 alunos do ensino médio, sendo eles: 2 do primeiro ano, 4 do segundo e 4 do terceiro ano.



Resultados e Discussão

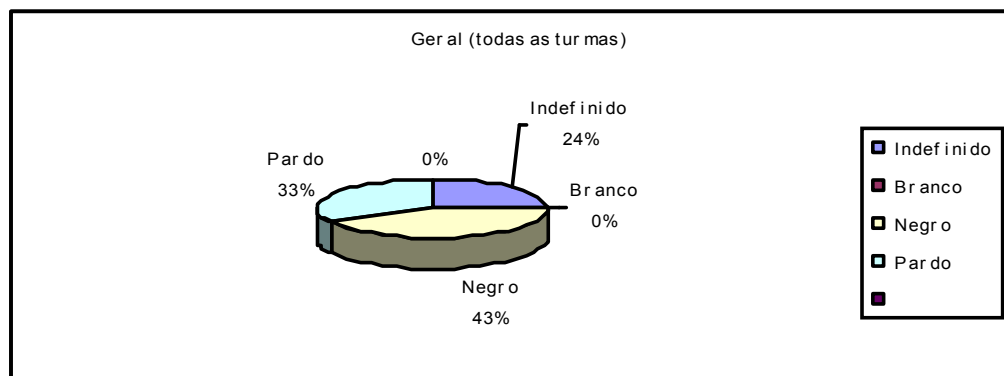
Gomes (2007) sugere que “o aprofundamento dessas questões (educação cidadã, raça e etnia) aponta para a necessidade de repensar a estrutura, os currículos, os tempos e os espaços escolares”; e cientes dessa necessidade de repensar, sobretudo o currículo e os conteúdos de história, as professoras da Escola da Vinda decidiram abordar o tema e problematizar os mecanismos e práticas de diferenciação e de desigualdades raciais dentro e fora das salas de aula.

Para tanto, o PAA propôs um trabalho intitulado “Beleza na Cabeça”, que pretendia trabalhar com os sentidos e significados do cabelo, como cultura e construção de identidade, em diferentes contextos históricos e sociedades. A ideia era valorizar a beleza dos penteados e estética afros, apresentando historicamente o significado dos cabelos e penteados como marcação de identidades. O objetivo das professoras era trabalhar para a construção de identidades menos estigmatizadas e na autoestima dos alunos negros e mostrar como os padrões de beleza se transformam ao longo da história.

No decorrer deste trabalho foram desenvolvidas diversas atividades. A primeira, a parte teórica, realizada em sala de aula, com base no livro “*Cabelos de Axé: identidade e resistência*”, de Raul Lody. Posteriormente, as professoras iniciaram a parte prática, onde ocorreram várias atividades: oficina de penteados, oficina de maquiagem, oficina de tratamento capilar, atividades específicas de ensaios e preparação para o evento final do “Beleza na Cabeça”, o desfile de penteados. E, por fim, as professoras se ocuparam em consolidar alguns conceitos e questões trabalhadas ao longo do ano, referentes à África e aos negros de modo geral; priorizando em sala de aula temas sobre História da África e o “mito da democracia racial” no Brasil.

Os resultados demonstraram que os estudantes envolvidos com o PAA mudaram de postura e “se descobriram” negros. Antes de iniciado o PAA, os estudantes responderam um questionário onde 8% se reconheciam negros. Entretanto, após as atividades do PAA, conforme a tabela abaixo, foi aplicado

outro questionário onde a grande maioria dos estudantes se autorreconheceram negros.



Fonte: Autor

Segundo a lei 10.639/03, 45% da população é composta por afrodescendentes, no entanto, negros no Brasil são aquele que se autorreconhecem como tal, um pouco mais de 6% segundo o mesmo documento. Assim, com as práticas curriculares do PAA, como demonstra o gráfico acima, de fato cocorreu uma mudança significativa no que diz respeito ao sentimento de pertença à identidade negra e contribuiriam enormemente para eliminar estigmas e aumentar a autoestima de vários alunos.

Este resultado demonstra que, de fato, o estudo da história e cultura africana e afro-brasileira, aliado à construção de práticas significativas, contribui decisivamente para que os alunos se descubram negros; como bem sintetiza a seguinte fala de uma aluna do primeiro ano do ensino médio participante do projeto: “Eu gostei muito do Beleza na Cabeça, pois tratava da cultura negra, e com o desfile me fez perder a vergonha e o preconceito contra minha própria cor. Hoje tenho orgulho de ser negra.”

Como verifiquei na Escola da Vinda, os debates e as práticas possibilitados pelo PAA em torno das relações étnico-raciais, questionaram aquela suposta identidade nacional centrada, idealizada pelo ensino de história, e abriram entre os alunos a possibilidade de compreenderem essa identidade sob novos olhares. As identidades foram deslocadas, os estereótipos questionados, os referenciais culturais foram (re)construídos e os sujeitos-alunos envolvidos ao negociarem e criticarem suas identidades, e



perceberem positivamente as diferenças, preconizaram novas “posições de sujeito”, como sugere Stuart Hall (2006).

Considerações finais

Essa pesquisa buscou analisar, descrever e refletir sobre a prática curricular no ensino de história representada pelo Projeto Ayò Asán (PAA) na Escola da Vinda.

A partir de categorias de análises dos estudos culturais e pós-críticos do currículo verificamos que os alunos e profissionais envolvidos na construção de novos conteúdos e práticas curriculares na Escola da Vinda, protagonizaram uma verdadeira (re)educação das relações étnico-raciais.

Referências Bibliográficas

- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- BRASIL. Lei 10.639 de 09 de Janeiro de 2003. *Estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana*. Disponível em: <http://www.mec.gov.br/legislação>
- CANDAU, Vera Maria; MOREIRA, Antônio Flávio (org.). *Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- GOMES, Nilma Lino. *Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos de identidade negra*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- GOMES, Nilma Lino (org.). *Um olhar além da fronteiras: educação e relações raciais*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- LOPES, Alice Casimiro; MACEDO, Elizabeth. *Currículo: debates contemporâneos*. 2ª Ed. São Paulo: Cortez, 2005.
- OLIVEIRA, Inês Barbosa de. *Currículos praticados: entre a regulação e a emancipação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- SANTOMÉ, Jurjo Torres. *Política educativa, multiculturalismo e práticas culturais democráticas nas salas de aula*. In.: Revista Brasileira de Educação, nº. 4, jan. 1997, p. 5-25.
- SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Os novos mapas culturais e o lugar do currículo numa paisagem pós-moderna*. Porto Alegre: Artmed, 1993.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. *O currículo como fetiche: a poética e a política do texto curricular*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.